



## **AS VIRGENS DE PARAÍSO: SOCIALIZAÇÃO E CONTROLE DA SEXUALIDADE DE MULHERES JOVENS EVANGÉLICAS RESIDENTES EM UM BAIRRO POPULAR DO RECIFE**

Cinthia de Oliveira<sup>1</sup>  
Tacinara Queiroz & Luís Felipe Rios<sup>2</sup>

A pesquisa que originou os dados aqui discutidos se insere em estudo mais amplo que busca investigar as respostas das tradições religiosas evangélicas, afro-brasileiras e católica à epidemia do HIV/AIDS. Nessa linha, embasado em pesquisa etnográfica, realizada na periferia do Recife, este trabalho examina as carreiras sexuais de jovens evangélicas, na perspectiva de melhor compreender os processos que concorrem para a organização de suas sexualidades.

Ao longo da maior parte do percurso da pesquisa mais ampla, nós demos voz aos adultos, clérigos e lideranças leigas, que nos falaram sobre as prerrogativas religiosas para a vida sexual, na interface com a prevenção do HIV/AIDS. Grosso modo, entre os cristãos, o ideário Paulino sobre as inclinações carnavais, concebidas como capazes de desviar a pessoa da salvação, situa as vicissitudes da vida sexual. Esse ideário institui a necessidade de sacralizar a sexualidade, via o matrimônio, para que possa ser vivida fora do pecado, e recolocada a serviço do “crescei e multiplicai” (Rios, Parker e Terto Jr, 2010). Essas assertivas aparecem reiteradas por todos os católicos e evangélicos entrevistados, ainda que alguns estabeleçam barganhas cognitivas (Berger & Luckman, 1983) com perspectiva mordenizantes do sexo, e/ou com as prerrogativas atuais em saúde sexual e reprodutiva, como enunciadas pelo Estado brasileiro (cf. Rios, Paiva et al., 2008).

Entretanto, a questão que não queria calar (nem para nós nem para eles mesmos, os religiosos adultos) é de como os/as jovens adeptos/as vivenciam tais preceitos religiosos. As lideranças reconhecem que na sociedade contemporânea, são múltiplos os chamados (sexuais) aos quais os sujeitos religiosos estão propensos; por isso eles mesmos questionam a capacidade das crenças que professam manter os jovens “no caminho”. Clérigos e leigos, inclusive, nos dão exemplos de como os desviantes sexuais (jovens e adultos) são, via o pastorado e a penitência, reencaminhados à norma religiosa; servindo os próprios desviantes, quando se (re) discipulam publicamente, de exemplo para inibir ações pecadoras de outros fiéis das igrejas (cf. Rios, Paiva et al, 2008).

<sup>1</sup> Mestranda em Psicologia – UFPE. E-mail de contato: [cinthia\\_psi@hotmail.com](mailto:cinthia_psi@hotmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia – UFPE E-mail de contato: [tacing@hotmail.com](mailto:tacing@hotmail.com); Doutor em Saúde Coletiva e Professor do Departamento de Psicologia da UFPE. E-mail de contato: [lfelipe-rios@uol.com.br](mailto:lfelipe-rios@uol.com.br).



Tomando essas desconfianças sobre a força das crenças religiosas para formar a vida sexual dos adeptos, buscamos acompanhar um grupo de mulheres jovens, residentes em uma comunidade da periferia do Recife, aqui denominada Alto Paraíso, de modo a olhar, desde suas visadas, como estas se posicionam frente aos preceitos religiosos, inquirido, também, onde mais encontram recursos para se subjetivarem sexualmente.

A princípio não delimitamos uma única tradição religiosa, mas o fato é que do conjunto de seis jovens entrevistadas (uma amostra de conveniência), cinco eram evangélicas e uma cristã, mas sem denominação específica. Apresentamos o perfil das jovens, na tabela abaixo.

NOME	IDADE	RELIGIÃO	INICIAÇÃO SEXUAL
Clara	20	Evangélica	16
Flor	16	Evangélica	12
Bella	18	Evangélica	15
Lizzie	16	Evangélica	14
Mary	18	Cristã - Indefinida	13
Lara	20	Evangélica	15

Elas foram acessadas via o Grupo de Protagonismo, que funciona no Clube de Mães de Alto Paraíso. Nossa chegada a esse espaço se deu através de um convite do Clube em parceria com o Programa de Saúde da Família - PSF local, para que integrantes do projeto realizassem uma palestra sobre prevenção do HIV/AIDS para a comunidade. Posteriormente a palestra, uma das pesquisadoras voltou ao Clube e pediu permissão para acompanhar as atividades onde meninas da comunidade estivessem inseridas.

Os encontros do protagonismo em Alto do Paraíso eram semanais. E durante o semestre ocorriam encontros com jovens de mais outros dois bairros. Uma ONG se encarrega de realizar estes encontros, com a eleição de temas a serem trabalhados por semestre. Entretanto os grupos se responsabilizam pela elaboração de estratégias para a apresentação da temática. Durante nossa estada em Alto do Paraíso o tema trabalhado foi Gênero. Pudemos acompanhar ainda conversas entre os integrantes em momentos fora da associação. Nestas conversas quase sempre aparecia polêmicas relacionadas ao conteúdo sexual de participantes e de outras jovens da comunidade.

A pesquisadora passou a acompanhar o grupo, e também as meninas em suas atividades cotidianas no bairro. Essa convivência mais próxima contribuiu para facilitar o *rapport* no momento das entrevistas, do mesmo modo ofereceu um *background* mais alargado sobre o bairro, seus



integrantes e a dinâmica das mulheres jovens em seu cotidiano, o que possibilitou explorar com mais propriedade eventos relatados pelas meninas.

As entrevistas foram mediadas por um roteiro semi-estruturado com foco biográfico (Rios, 2004) e abordou como temáticas: o contexto familiar, o contexto comunitário e a carreira sexual das entrevistadas. Na análise dos dados demos centralidade ao pertencimento religioso, questionando em que medida os preceitos cristãos são capazes de regular a conduta sexual das adeptas; e, em adição, refletir sobre a suficiência destes, quando preconizam a abstinência sexual para os não casados, para proteger as meninas religiosas de infecção pelo HIV por via sexual. Convém ressaltar que foram seguidos os princípios/recomendações das “Normas de pesquisa envolvendo seres humanos – Res CNS 196/96” (Conselho Federal de Medicina, 1996), tendo o projeto sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFPE. Realizada a apresentação das questões e enquadres que conduziram a nossa pesquisa em Alto Paraíso traremos algumas questões norteadoras à nossa vivência na comunidade.

#### *Paraíso, gênero e regulação dos prazeres sexuais*

Alto Paraíso está encravada em uma cadeia de morros que configuram a Região Politico-Administrativa III – RPA III, área considerada das mais populosas do Recife. Como em outros bairros populares do Recife e do Brasil, para a comunidade de Paraíso o modelo positivo de mulher é aquela dedicada à família, responsável pelo cuidado do lar, cônjuge/pai e prole/irmãos. Neste contexto, também a sexualidade das mulheres deve estar posta a serviço do núcleo familiar. No caso das casadas, devem satisfazer os maridos em seus desejos (e produzindo filhos), o que vai implicar também exclusividade sexual. Neste âmbito, duas figuras estigmatizantes surgem para regular a conduta dos casais: o *cornio* e a *gaieira*. A primeira diz dos homens que não conseguem manter a exclusividade sexual da esposa, companheira ou namorada; a *gaieira* diz de uma mulher que busca realização sexual com outro parceiro que não aquele reconhecido pelo matrimônio, amaciado ou namoro. Ambos acenam para uma impropriedade, destituindo, respectivamente, a honra do homem e da mulher.

Mas, se a mulher deve exclusividade sexual ao marido; o homem casado tem a licença cultural de ter outras parceiras sexuais, sem que perca o status de homem de família; pelo contrário, a sexualidade insaciável por uma única parceira parece mesmo ser uma marca de virilidade, contribuindo para os que assim agem para serem vistos como verdadeiros machões.



No caso das mulheres solteiras, um processo estigmatizante anterior ao da “gaieira” vai regular suas vidas, em especial as meninas e jovens: a “perdida”. É assim, que a comunidade se refere às meninas que “perderam” a virgindade. Um “bem” familiar que, junto com a beleza e juventude, capitaliza a menina no mercado matrimonial.

Para os meninos ocorre justamente o contrário. Ser adolescente e virgem o destitui das qualidades viris necessárias para se afirmarem como *homens mesmos*, lançando-os também na suspeita sobre uma suposta *veadice* – outro importante estigma regulador da construção de estilos de ser homem ou mulher na comunidade. Um jovem que não “comeu” uma “nega” no mínimo é “veado”, mesmo que não dê “pinta”. Assim, desde que os primeiros pêlos começam a aparecer, sinalizando o início do processo de se tornar HOMEM, os garotos são questionados pelos adultos e pares sobre namoradas ou, no mínimo, quais as meninas do bairro eles estão “pegando”. E se, como mostraremos a seguir, as meninas precisam performar castidade, para eles o inverso acontece. Eles, no mínimo, e se não quiserem a suspeita de ser *bicha*, devem desfilas com pelo menos uma namoradinha fixa, ou ainda se mostrar romanticamente apaixonado por alguém do sexo feminino, ainda que esta figura queira nada com este.

Ressalteemos que no caso das meninas, se apresentarem como “mulher/jovem de família” garante o ir e vir numa localidade sem ser apontada e discriminada. Sobre isso, nos conta Flor as angústias vividas quando surgiu o boato de que ela não era mais virgem:

Já foi outra polêmica na comunidade que todo mundo ficou sabendo. E sempre, né? Contando história em cima de história... E modificando a história todinha; como foi, né? A verdade. Hoje ele (Seu atual namorado, o qual traiu) não confia mais em mim. (...) É porque minha imagem na comunidade, assim, né? Aquela menina de família, né? Que cresceu lá, né? Todo mundo me conhece... Meu pai é bem popular, a minha mãe (...). Assim, o que mais me dói, não é nem pelo fato deles estarem falando, mas, assim, eu fico mais pensando questão da minha imagem mesmo, da minha moral, do meu valor que eu tenho na comunidade. (...) (Flor, 16 anos)

Como alude Flor, e independente do que realmente tenha acontecido, para configurar a imagem de “moça de família” o comportamento pudico, no cotidiano, é fundamental:

Assim... Pela a imagem que toda mulher deve ter, né? (...) O valor! É em questão a isso mesmo. Porque eu nunca fui de ta dando, assim, um motivo: de ta me amostrando, de ta chamando atenção a todo mundo. Assim, eu me considero uma pessoa, assim, uma menina diferente das outras, assim, que são realmente faladas na comunidade. (...) Eu sou mais na minha. Se eu tiver de errar, eu não vou errar na frente de todo mundo, pra todo mundo. (...) Se eu errar, eu vou errar por trás. Porque se eu errar na frente, eu vou ta dando motivo pros outros tarem falando de mim. O que eu falo de valor é isso, de ta mostrando minhas coisas boas e poder sempre cultivar aquilo que os outros fiquem com uma imagem boa sobre mim, não uma imagem de uma pessoa, assim, qualquer. (Flor)

Para Flor, uma “moça de valor”, que também é uma “menina de família” deve cuidar do modo de vestir-se, com quem se junta para conversar, o número de namorados. Porque tudo isso vai



ser usado para se levantar suspeitas sobre a virgindade da menina. O que terá sérias implicações, inclusive, para conseguir namoro, mantê-lo e levá-lo até o casamento:

[...] Eu disse a ele que não era mais virgem, mas que meu pai não sabia, ele aceitou no começo ele ficou meio assim que ele é evangélico também ele ficou meio assim, por eu já ser mulher, ele mudou totalmente, disse que ia pensar se queria ficar comigo mesmo. (Clara, 20 anos)

Passar para a comunidade a imagem da boa moça, fiel e casta, figura como preocupação para todas as entrevistadas. Nesse âmbito a questão da virgindade gera um aparente paradoxo. Elas e seus namorados querem ter sexo (e efetivamente têm relações sexuais) e querem ser percebidas como “boas moças”, o que ao longo da socialização sexual, gera dúvidas, medos e incertezas. Não é fácil se manter casta, frente às investidas dos namorados, sempre querendo vivenciar experiências sexuais, que lhes são imputadas como instintivas. Sobre isso, nos conta Clara, lembrando sobre seus primeiros namoros:

[...] Eu só ficava, porque eu tinha medo (...). Assim, eu acho que era porque eu era bobinha... Bobinha não, porque eu era muito esperta! Escutava as conversas das meninas, e tudinho se perderam muito cedo. Era tempo da escola, eu perguntava tudo sobre sexo, então como eu tinha certa noção do que os meninos eram, eu nem gostava de ficar. Porque eu sabia que ele ia passar a mão, não sei o que... (Clara, 20 anos)

O que aparece sub-repticiamente na fala de Clara, e confere um tom de esforço (para guardar, se não a virgindade, pelo menos a imagem de boa moça), é que, embora as mulheres sejam descritas pela comunidade como prescindindo de vida sexual (ao menos até o casamento) para viver; o relato de Clara, sobre o “passar a mão, não sei o que...”, sugere o prazer sexual guardado no corpo, e possível de ser despertado. Desse modo, e por ser “esperta” e saber dos perigos de uma mão, no lugar certo, ela preferia “nem ficar” com os meninos. Mas, como mostraremos mais adiante, também para ela a perda da virgindade e frente às investidas de um namorado, chegou antes do casamento.

### *Religião*

Os relatos de Clara e de nossas outras entrevistadas sugerem que esse ideário de gênero, que reparte as coisas que um e o outro sexo pode fazer em termos sexuais, vai se oferecer como modelo desde a infância e juventude das mulheres entrevistadas. E vai estar situado, em especial, pela religião trazida até elas pela família.

[...] O sexo lá em casa não era tão comentado não. Porque como a gente era da igreja, era mais comentado na igreja. Tinha um tempo, ai era comentado na igreja (...) através de palestras, através, também, como a gente era pequeno, procurava a forma mais simples assim... Assim, era bem delicada a explicação. Porque como era criança, mas também favorecia a gente, porque como era através de ensinamento bíblico a gente conseguia aprender, anexar, aquilo que tava falando, pra que futuramente nos sabíamos... Sabemos que não é da lei de



Deus, tudo aquilo que eu fiz. Que minha mãe até hoje diz: cuidado, não vá acabar se envolvendo nas coisas que não é de Deus; de prostituição<sup>3</sup>, essa coisas... (Lara, 20 anos).

[...] O namoro, dentro do evangelho, é o que? O evangelho sim, você namora com o objetivo de noivar e casar, porque não pode existir sexo fora do casamento, que ai já é promiscuidade. Porque Deus constrói pra fazer o casamento. O mundo não. Hoje, não; o mundo hoje bota mais pra isso... é mais sexo. Um namoro cristão não pode ter beijinho... mãozinha por ali não. Tem que ser beijinho tchau, até a próxima, coisa muito relax. Certo que ninguém é de ferro, né? Ninguém é perfeito, acho... Acredito que nenhum namoro é perfeito, mas as pessoas tentam seguir esse exemplo. Mas, como eu não... Não ser muito certa, nunca segui esses padrões de modo nenhum, de modo nenhum! (Clara)

Ainda que Clara e Lara situem o certo do sexo nos preceitos da igreja, elas não deixam de assinalar que “ninguém é de ferro”, e, ainda que fortuitamente, fazem o que “não é da lei de Deus”. Assim, mesmo que sujeitas ao discurso da igreja desde “pequenas”, elas, em paralelo, experenciam outras prerrogativas sobre sexualidade, mesmo que valorizadas negativamente pela família e comunidade.

### *Brincando com o proibido*

Sobre esse processo de aprendizagem e socialização das “coisas proibidas do sexo” estão as conversas e brincadeiras eróticas entre amigas e amigos da vizinhança:

A gente brincava muito de casinha. Ai, juntava as criançada da rua todinha, dividia as casa na sua casa. Dividia, tinha sempre os casais: menino você é marido daquele, menina você é esposa daquele, era assim. (...) Era (brincar) de se esconder. Ai cada um só queria se esconder com a sua paquerinha... (...) Rolava muito selinho, porque era (considerado) uma seboseira esse negócio de língua, era uma nojeira. (Lizzie, 16 anos)

Além dos vizinhos, outros parceiros nas brincadeiras infantis são os primos, se configurando como importantes fontes de informação e experenciação; como alude Flor

Começava com os primos, tudo em casa. ‘Vamos brincar de casinha’, ai tinha o pai a mãe e os filhos. (...) Ou então brincava de restaurante, aí sempre iam os casaizinhos, ai ficava revezando, uma hora um vendia outro comia. Aí, os meus primos também... Meu Deus! Quase que ficaram com minhas primas tudinha. Eu também... Era muito pega com meu primo, também no sofá, mas sempre aquelas brincadeiras (...). Era de ficar beijando, se esfregando, essas coisas aí (risos). Não chegava a tanto, mas sempre era aquilo. Até hoje também... Minha irmã já foi pega brincando com meus primos, pelo meu avó. Meu avó deu um pisa nele. A gente nega, nega, nega, mas depois a gente começa a lembrar e rir tanto, era muito engraçado. Qualquer brincadeirinha era motivo prata todo mundo ta junto, até brincar de pega-esconder... Aí pronto todo mundo se escondia cada um que ficasse com os seus. (Flor)

No relato de Flor, as brincadeiras como brincar de casinha, restaurante e pega-esconder estavam quase sempre recheadas de eroticidade, as quais vão educando meninos e meninas para as vivências da sexualidade. Flor também aponta o esforço para realizá-las longe dos olhares dos mais velhos, sempre prontos a corrigir com pancada os comportamentos desviantes; e por outro lado sinaliza que a recorrente negação dos sujeitos sobre as coisas do sexo na infância é aprendida,

---

<sup>3</sup> Nas Igrejas evangélicas, o sexo antes do casamento, envolvendo ou não troca de dinheiro ou bens, é qualificado como prostituição.



também, “na base de pisa”. Em adição, estas brincadeiras que, se são prazerosas na infância, a posteriore ganham um sentido negativo, se contrapondo a própria idéia de inocência infantil.

Clara, além dos vizinho e parentes, traz para a cena da aprendizagem sexual a escola:

Na escola não, na escola você já aprende outra coisa. Ai quando eu tinha doze anos, ai já falava de namorado, essas coisas, comecei a namorar muito cedo também... De menino, de sexo. Aí diziam: é assim, assim... Ai tinha muito aquele caderninho de pergunta que você fazia para conhecer tudo da vida da outra, para saber como é que era... aí depois não sabia, ai perguntava, sempre foi assim... (...) perguntava tudo: se a pessoa era virgem, se a pessoa já foi espanhola, se a pessoa... Várias coisas. Entendeu? E você descobria um monte de coisa, as vezes você não sabia, ‘o que é isso, hein?’ Pronto ai ficava sabendo, você sabia mais da vida da outra e aprendia assim. (Clara)

*Toda menina que enjoa da boneca é sinal de que o amor já chegou no coração!*<sup>4</sup>

A discricção trazida por Luiz Gonzaga e Zé Dantas, no Xote das Meninas, parece retratar o que se passa com as meninas urbanas do Alto Paraíso. Se elas já vinham brincado as escondidas com os prazeres sexuais, a partir de determinado momento, em geral situado pós-menarca (e quando se acirra o controle sobre suas sexualidades, porque agora elas podem reproduzir), passam a deixar a boneca (e as brincadeiras eróticas, onde, como comenta Clara, a fixidez do parceiro não importa muito, o que mais importa é o prazer) de lado e a sonhar com um único amor.

Mais que nas primeiras experimentações na infância, esse segundo momento de experimentações é vivido como uma forte carga de emoções contraditórias. O mais interessante é que as vivências na infância são despotencializadas e as experiências sexuais como os primeiros namoros pós-menarca ganham o sentido de primeira vez. Vejamos o relato de Clara sobre as preliminares com o primeiro namorado:

Quando ele pegou no meu peito pela primeira vez eu chorei tanto, tanto. Tu nem imagina; eu pensei que ia morrer, eu chorei, chorei. Da segunda vez eu também chorei. (...) Tudo aconteceu no terraço da minha casa. Por isso eu digo que não adianta os pais prenderem. Uma colega minha perdeu a virgindade no sofá da casa dela. Então, não adianta prender, que quando a pessoa gosta... Na hora você gosta, mas depois você começa a se arrepender. É como se tivesse sendo violada, mas daí você gosta, você gosta...

Outros relatos seguem nessa mesma linha e mostram pensamentos que rondam nas primeiras práticas sexuais, em reflexo aos roteiros socioculturais que são passados:

[...] Chegou lá eu só pensava na minha mãe. Não mainha... Não mainha... Não sei por que só vinha minha mãe na cabeça. Aí acontecendo e eu pensando na minha mãe, ai depois chegaram minhas amigas batendo na porta, ‘olha tua mãe está te procurando’ parecia que ela tava sentido (...) depois fiquei pensando meu Deus o que foi que eu fiz? (Flor)

O relato das meninas sugere que, como estratégia de diminuir a culpa em relação a estar transgredindo os preceitos sexuais familiares-religiosos, elas, que começam a ter suas experiências

---

<sup>4</sup> Trecho da música O xote das meninas, escrita por Luiz Gonzaga e Zé Dantas.



sexuais nas proximidades da família, muitas vezes dentro das próprias casas, tendem a buscar lugares mais distantes para isso – o que é facilitado pelo galgar das idades.

Foi nessa linha, de minimizar a culpa e aumentar a invisibilidade, que Bella relata sua primeira ida a um motel:

Eu tinha vergonha, sei lá... Vergonha, eu nunca tinha indo. (...) Eu pensava que ia rolar, eu ia acabar perdendo a minha virgindade. Ai, como eu era crente, aí eu preferia não ir. Preferia ir para uma praia, uma praça, do que pro motel, aí demorava. (...) Quando aconteceu, eu achei que foi bem natural. Não foi aquela coisa pesada, aí eu achava que tava certo, era normal, mesmo com as doutrinas da igreja, que não podia, que tava errado. Mas como estava escondido, eu achava que tava normal, ninguém ia saber mesmo, aí eu nem ligava. (Bella, 18 anos)

Não obstante, algumas meninas relatam os constantes conflitos relacionados às transgressões aos preceitos religiosos:

Peço a Deus pra e mostra alguma coisa. Abrir mais meus olhos. Que eu sou uma pessoa muito em dúvida das minhas atitudes, quando eu to passando aquele momento, eu não sei. Eu não entendo, muita gente me pergunta, por que assim, eu sou desse jeito, pelo fato de ter traído meu namorado. ‘não porque tu traísse ele ’tudinho’. (...) Meus primos até hoje são evangélicos, mas por fora ele dança bebe, faz o escambal todo, eu digo até pra ele assim que ele ta se enganando ‘se tu gosta de ta na igreja, porque tu não sai da igreja então vai pra visitar a igreja, assim que nem eu’. Eu não nego a igreja, porque eu tenho vontade de ser crente, mas também aquilo eu ta na igreja e saber que eu vou ta querendo dançar, vou querer com uma pessoa que não é adequada pra quem é quem faz parte da igreja... (Flor).

Essas concepções religiosas orientam as meninas a se posicionarem, escolherem, sobre suas vivências. Ainda que elas não realizem os preceitos religiosos sobre o sexo e isso gere importantes dilemas e culpa, não se afastam das crenças religiosas.

[...] Eu nasci no evangelho, desde pequena, mas assim eu sempre fui muito impulsiva, eu faço as coisas que eu tenho vontade, que me da na cabeça. Nunca talvez pensei assim que a religião empatasse de alguma coisa, que assim eu tenho fé em Deus, né? Fé em Deus, eu creio em Deus, eu sei que algumas coisa é errado que eu faço, fazia, mas assim eu sempre... eu sempre fiz aquilo que me desse vontade de fazer (...) o evangelho... Eu tenho como ponto de vista que ele é um exemplo, porque pra mim ele muda a pessoa totalmente muda o caráter, mas tem aquilo se o evangelho tiver dentro de você mesmo você vai seguir. (...) Como o evangelho fala muito de Deus (...) então Deus está dentro de você, é muita é paz, é harmonia. Então assim, meus namoros nunca foram muito assim... dentro do evangelho, baseada no evangelho. Assim, com minha família eu fico um pouco torta, sigo outros caminhos, aí meu pai fica muito em cima de mim, fala que ta errado, aí às vezes eu aceito... porque eu sei tenho consciência do que é certo ou errado que eu não devo fazer isso, mas as vezes eu não sigo esse... tomo esse caminho porque eu não quero, to afim de fazer outra coisa, aí eu faço acho que o evangelho não interfere muito assim não. (Clara)

Nesse sentido percebemos que quanto mais distante da comunidade acontece às transações sexuais, mais alívio as garotas referem ter. Esse artifício visa garantir o anonimato mantendo preservada a imagem de “boa moça” para a comunidade.

### *Considerações finais: sobre violência e gênero*

Pode-se então observar que, ainda que nossas entrevistadas não tenham referido vivenciar, elas mesmas aquilo que, em geral, se diz, no senso comum, enquanto violência – a violência física –



podemos conceitualizar, com base em Cardoso (1985) e Chauí (1985), a trajetória de subjetividades das mulheres de Paraíso como marcadas pela violência. Uma violência implícita, difícil de ser percebida por elas próprias e por outros, e que tem sua atualização no controle das práticas sexuais.

A mulher é tida como culpada, até que se prove o contrário, sendo essa violência institucionalizada e incorporada pelas próprias mulheres, como pode ser retratar no discurso das jovens que falam do valor da mulher. Vejamos o exemplo de Flor, quando relata o que se passava entre o seu namorado em relação anterior:

[...] Eu morria de raiva dele, porque minha amiga chegava com o braço quebrado na sala e ela chegava contando 'não porque eu...' Ela namorava com ele, aí 'não, a gente faz competição de gaia, pra vê quem trai mais o outro'. Só que, quando ele se apresentou a mim, foi totalmente diferente (...) Eu acho que ela também não tomava atitude, porque ela também é daquelas meninas que não se dar valor. Hoje mesmo ela já ta com filho, ela tem minha idade. E até caiu na boca de todo mundo, que ela não sabia quem era o pai. Então se ele teve essa capacidade de agir assim com ela foi porque ela deu oportunidade. Ela aceitou, não quis mudar... (...). Quando alguma amiga minha ta assim, ta com aquela roupa bem composta, aí quando de repente, aí aparece com uma saia muito curta, com a barriga aparecendo, aí põe um pierce, aí essa coisas aí eu digo 'menina tais parecendo?...' (...). A gente critica entre o visual e também a boca suja. Uma menina depravada, que às vezes se veste comportadazinha tem uma boa imagem, mas quando começa é aquela putaria, vai não sei pra onde; fica chamando os meninos não sei para onde 'borá ali, não sei o que'. Principalmente na escola onde eu e minhas amigas mais fala, na escola a gente é as únicas diferentes das meninas, assim, da meninas assim que os meninos considera. (...) Sempre é assim quando a gente passa, na escola tem um corredor, quando a gente passa todo mundo fica calado, mas quando as meninas passam, fica pegando nas meninas, fica dando dedada nas meninas, pegando no peito na bunda. Também é aquilo, questão de respeito por ela mostrar que ela gosta daquilo como eu tinha dito não deu um basta, então deu oportunidade dos meninos estarem fazendo aquilo com ela, é uma coisa que eu não quero pra mim nem minhas amigas quer pra elas, então a gente critica aquilo que a gente acha diferente da gente, aí a gente começa a falar porque elas dá motivo, aí a gente vê a diferença.

Essa fala é expressiva de como a violência física se atualiza como algo normal para mulheres que descumprem as regras implícitas na comunidade.

Por último, vale salientar que as nossas entrevistadas em certo sentido se opõem as regras: elas têm sexo numa idade e condição (solteiras) consideradas impróprias, mas precisam se expressar na tentativa de encobrir o que fazem, de modo a não serem estigmatizadas.

### *Referências*

- BERGER, P. e LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis, Vozes, 1983.
- CARDOSO, R. **Prefácio**. In: *Perspectiva antropológica da mulher 4: sobre mulher e violência*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1985.
- CHAUÍ, M. **Participando do debate sobre mulher e violência**. In: *Perspectiva antropológica da mulher 4: sobre mulher e violência*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1985.
- RIOS, Luís Felipe. **O Feitiço de Exu - Um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candomblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.



RIOS, Luís Felipe, PARKER, Richard Parker, Terto Junior, Veriano Sobre as inclinações carnis: inflexões do pensamento cristão sobre os desejos e as sensações prazerosas do baixo corporal **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 20 [ 1 ]: 195-217, 2010

RIOS, L. F.; PAIVA, V.; MAKSUD, I. ; OLIVEIRA, C.; CRUZ, C. M. S.; SILVA, C. G.; TERTO JUNIOR, V.; PARKER, R. Os cuidados com a carne na socialização sexual dos jovens. **Psicologia em Estudo**, v. 13, p. 673-682, 2008.